

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Paulo Roberto Accorsi Pereira

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza

São Paulo/SP

2024

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

O professor Paulo Roberto Accorsi Pereira foi um dos pioneiros na criação do Centro de Memória da Etec João Belarmino, em Amparo/SP, e atuou como professor-pesquisador, participando das duas primeiras publicações do projeto de Historiografia coordenado pelas professoras Dra. Carmen Sylvia Vidigal do Centro de Memória da Educação, na FE/USP, e de Júlia Falivene Alves, Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, editados pela Imprensa Oficial, em 2002.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: presencial, no Centro de Memória Santa Cruz, em Amparo, criado pelo entrevistado.

Datas das entrevistas: 28 de dezembro de 2024

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 45 minutos e 18 segundos

Número de vídeos: três

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 20

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do programa "História Oral na Educação: memória do trabalho docente", que vem sendo realizado por membros do Grupo de Estudos e Pesquisas

em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, e fará parte do segundo volume denominado “História oral na educação: docentes em centros de memória” com a participação de curadores ou professores-pesquisadores em centros de memória. Essa entrevista foi realizada presencialmente, durante a visita da entrevistadora a cidade de Amparo, entre 27 e 29 de dezembro de 2024. O vídeo dessa entrevista será difundido dentro do programa História oral na Educação, no link percurso histórico no site de memórias institucional.



Paulo Roberto Accorsi Pereira na frente do Centro de Memória Santa Cruz
Fotografias: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 28/12/2024.

Transcrição da entrevista

Data das transcrições das entrevistas: de 15 a 18 de maio de 2025

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Retorno do colaborador:

vídeo um: 18 minutos e 18 segundos

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Bom dia, Paulo Accorsi. Eu agradeço muitíssimo hoje, que é dia 28 de dezembro de 2024, você estar me recebendo, eu, Maria Lucia Mendes de Carvalho, e concedendo essa entrevista para o Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, para o programa “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, aqui no Centro de Memória Santa Cruz, do qual

você é criador, curador, e que tem uma importância e uma história de origem muito importante para a cidade de Amparo. E pelo motivo de você ser um dos pioneiros no projeto de Historiografia, e participou da criação do Centro de Memória da Etec João Belarmino, aqui em Amparo, com uma equipe de professores, o professor Cláudio (Claudio Matarazzo) de História, a professora Cláudia (Claudia Cristina Jundi Penha) de Química, mas você levou adiante, você fez uma dissertação de mestrado na UNESP com História da Escola. Eu sei que você tem uma tradição familiar nessa escola. Então, para nós, nesse programa de História Oral da Educação do Centro Paula Souza, é importante deixar esse legado sobre a sua trajetória social e profissional. Então, eu gostaria muito que você pudesse hoje, contar um pouco de onde você estudou, como seguiu essa carreira de professor, de produção artística, e como chegou no Centro Paula Souza e participou do projeto de Historiografia. E quando deixou de participar, como surgiu a ideia, como foi todo esse processo de criar o Centro de Memória Santa Cruz?

Paulo Roberto Accorsi Pereira (PRAP): Primeiro, gostaria de agradecer a sua presença. Você é uma das incentivadoras desse projeto. O Centro de Memória, hoje, aqui em Amparo, está existindo. Mas, voltando lá em 97, quando começou o Centro de Memória do Centro Paula Souza, aqui no nosso liceu, liceu não Etec. Mas, o nosso liceu, que é carinhosamente chamado até hoje, se deu por força, sobretudo do professor Cláudio Matarazzo, da professora Cláudia Jundi Penha, que me incentivaram, ele professor de História, e ela, professora de Química, e eu, professor de Artes. Então, o trio, nós três, trabalhamos junto lá com assessoria da professora Júlia, professora Carmen, da USP, enfim, uma equipe muito grande, que foi se desenvolvendo e foi nos orientando à instalação de um Centro de Memória. O que era isso? Para mim, era uma novidade. Questão histórica, eu sempre tive curiosidade. Questão das artes, um pouco mais. Mas a questão e afinidade com o liceu, com esse nosso liceu, vem de tempos remotos, porque nem na minha dissertação eu coloquei isso. Depois de tudo que eu fiz, tem uma bela e uma agradável surpresa, que eu vou narrar para você aqui agora.

PRAP: Em uma das minhas pesquisas, eu comecei pelas histórias do meu pai, um entalhador formado nessa instituição, nos anos 40, aquele negócio todo. Só que eu fui fazer uma entrevista com o professor de Marcenaria dele na época, o seu Manuel Mendonça, que é falecido, e na época ele me recebeu na casa dele, junto com a esposa, e me mostrou uma série de documentos, de fotos, cartas, pequenos objetos que eram referentes ao liceu nesse período que o meu pai foi aluno dele. Só que ele me foi uma agradável surpresa, porque dentro desses documentos, a mulher dele separou um cartão postal que era dos formandos de 1919. Aí, o que aconteceu nesse momento? Quando ela me mostrou essa foto, eu falei: -

Seu Manuel, aqui atrás tem um nome, é Francisco, não é Manuel. Onde o senhor está nessa foto? Aí ele falou: - olha, esses formandos, não é a minha formatura, eu me formei depois. Aí é a formatura do meu irmão, que é o Francisco. Eu só fui me formar depois por conta do meu irmão Francisco. Mas se você olhar bem aí, ele me dizia: - se você olhar bem aí, você vai reconhecer uma outra pessoa aí. Eu falei: - eu não estou enxergando muito bem, o cartão postal era muito pequeno e as cabecinhas das crianças todas quase um alfinete. Eu falei: - eu não consigo identificar ninguém. Ele falou, pois é, eu não enxergo muito bem. Você não consegue identificar, mas aí está o meu irmão Francisco. Eu não sei onde ele está, mas ele está do lado do seu avô. O meu avô se formou junto com o irmão dele. Aí nessa foto, aí eu corri nos papéis e fui ver as inscrições de alunos. Aí estava lá o nome, Francisco, e logo embaixo o nome do meu avô. Os dois se formaram em Selaria e Transagem.

MLMC: E qual era o nome inteiro do seu avô?

PRAP: O nome do meu avô, o meu pai, Albano Pereira, e o meu avô paterno, o nome dele. Ele foi, antes de falar o nome dele, ele foi. Depois de ir lá, ele foi seleiro, depois trabalhou com táxis em Amparo, depois ele trabalhou como agente, que fazia a guarda noturna em Amparo. Então, essa pessoa que eu poderia ter escrito mais coisas. Estou te narrando esse fato agora. Então, esse meu avô, que eu conheci só por fotografia, não tive contato nunca com ele, e nem saberia descrevê-lo quando criança, só fiquei sabendo dele quando avô, quando adulto. Um senhor magro, ereto, careca, perto do seu carro, aqueles carros antigos, que eu não gostei. E quem me deu essa notícia foi o senhor Manuel. Nessas pesquisas que a gente vai começando a...

MLMC: E que ano foi isso, mais ou menos? Você lembra?

PRAP: Essa pesquisa que eu fiz foi na época que eu estava...

MLMC: 2000, 2001.

PRAP: 2006, 2004. Em 2004 eu comecei a pesquisa. Então, essa é uma...

MLMC: Vem do avô. Então, já é uma tradição que vem do avô.

PRAP: Aí, eu digo o seguinte: - se o meu avô se formou lá, depois o meu pai, depois eu, depois as minhas filhas, e agora, em 2024, o meu neto.

MLMC: E que curso você fez?

PRPA: Essas cinco gerações, desde a fundação da escola, a minha família está presente lá em todas. Então, o meu avô, o meu pai, eu, dois dos meus filhos, e agora um neto. Então, todos estão, de alguma forma, registrados na memória da Etec João Belarmino.

MLMC: E você fez que curso e em que ano?

PRAP: Bom, aí eu fiz, primeiro, o escolar, depois o ginásio industrial, que eu fiz no liceu. Então, no liceu eu fiz Tornearia Mecânica, fiz Marcenaria, era o ginásio industrial, que depois você fazia uma opção por um ano. Mas eu fiz Forja, fiz Fundição, fiz Tornearia Mecânica, fiz um pouco de eletricidade. Então, essas coisas todas eu fui fazendo. E depois, quando terminou o ginásio, eu fui fazer um curso Técnico em Contabilidade. Então, eu sou contador, fiz contabilidade. Depois da contabilidade, eu fui fazer Artes Plásticas na PUC.

MLMC: E como é que surgiu a ideia de fazer artes plásticas? De contabilidade para artes plásticas?

PRAP: Essas coisas que a gente vai tentando fugir e nunca foge, não sai da gente. Essa coisa do fazer, da questão das coisas plásticas, eu tinha isso em casa, diariamente. Meu pai era um escultor, era um entalhador. Ele trabalhava tanto, tanto, tanto com a madeira que eu sentia o cheiro dele quando ele chegava. Eu falava: - o pai chegou. Ele cheirava a madeira. Ele cheirava a agulha.

MLMC: Eu sei o que é isso porque eu sou neta de marceneiro. Então...

PRAP: Aquela coisa do cheiro não sai. Fica impregnado. E eu o vendo fazer essas coisas, fui meio que deixando. Mas aí, paralelamente a isso, aconteceu um fato interessante, que eram os desfiles de carnaval. E eu, de alguma maneira, fui convidado para fazer alguns desenhos de fantasias de carnaval.

MLMC: Isso em que ano?

PRAP: Isso nos anos 69, 68, 69.

MLMC: Então, a sua formação na faculdade já começou bem antes, né?

PRAP: Com certeza. Porque um barracão de escola de samba costuma dizer isso. Quem passa por um barracão de escola de samba passa por uma grande escola. De tudo isso que é, não uma escola formal. Mas você tem todos os departamentos ali, que ali você tem acesso a serralheria, mecânica, pintura, costura, corte, cerâmica. Tudo que você pode imaginar para colocar uma escola de samba na rua, passa pôr as mãos desses artistas.

MLMC: E até a contabilidade deve ter ajudado, porque a gente tem que otimizar recursos, né?

PRAP: Estratégias de apresentação, né? Como você apresenta 500 pessoas na rua sem gastar muito e tentando fazer com que a população ou a coisa do visual fique o mais, o mais lúdico, e o mais interessante possível. Então, você tem que ter um pouco de conhecimento técnico, né? Porque essa coisa de uma cenografia, de profundidade, de luz, de sombra, de sons... Enfim, você vai aprendendo, né? Como você mostra isso? Quem tem mais talento para aparecer mais, para aparecer menos. Como você elege alguém para ser um destaque em tal lugar. Quer dizer, essas coisas têm tudo... É um teatro. Como o Joãozinho Trinta diz, é um teatro ambulante, né?

MLMC: É um projeto muito bem-feito e bem elaborado, né?

PRAP: Carnaval é uma ópera ambulante. Você sabe tudo o que vai acontecer, mas tem as coisas inesperadas. Mas tem coisas que você prepara porque você sabe exatamente quem vai ver e o que ele pode sentir. Não o que ele vai sentir, mas você faz preparando para que ele tenha esse impacto, né? Então, as artes plásticas me deram muito essa coisa. E o barracão, né? Aí, somando o barracão, escola de samba e sala de aula, o Santos começou a ficar redondo, né?

MLMC: Você ingressou em 1969, que nem você disse, nessa área artística, embora estivesse em educação, trabalhando com educação, participando da educação profissional e até na área de contabilidade. Na verdade, você tinha duas coisas diferentes.

PRAP: Porque eu, no início do meu trabalho, trabalho de renda, eu fui office boy. Então, eu trabalhava no escritório de contabilidade. Então, toda a parte de levantamento de dados com talonário de notas fiscais, tudo aquilo eu recolhia de todas as empresas para um escritório daqui de Amparo. Levava esse material todo, fazia toda a transcrição para os livros de entradas e saídas. Depois tinha o balancete final. Tudo feito no...

MLMC: E eu estou entendendo você, porque eu também trabalhei em escritório. No ginásio, na oitava série, eu fui para a noite para trabalhar em escritório. A gente era incentivado pelos pais a fazer Contabilidade, porque era uma profissão da época, final da década de 60, início de 70, que foi o que você fez, que foi o que você trabalhou, né?

PRAP: Eu tenho aqui, depois eu vou te mostrar, eu tenho guardadas. Eu guardei como... A gente gosta de guardar algumas coisas como referência. E eu tenho esses livros...

MLMC: E você tem o diploma?

PRAP: Os livros que eu escrevi, os borradores da época, eu tenho guardados de todos eles, dos anos 60, 70. E depois eu fui para uma loja, fui gerente de loja, de eletrodoméstico, depois que eu... Depois de dez anos, eu fui buscar meu diploma ali, na PUC.

MLMC: Ah, olha! (risos)

PRAP: Depois de dez anos de formado, eu fui pegar o meu diploma. Aí eu tive que aprender de novo como dar aula, né? Eu não aprendi logo.

MLMC: E como é que foi essa mudança de estar no comércio para a educação?

PRAP: Então, essa mudança foi... Nos anos... No final dos anos 70, teve uma crise violenta sobre... Sobre dinheiro, grana. O nosso dinheiro não valia mais nada. Então eu tinha uma loja. Nessa loja eu vendia um aparelho de TV de manhã. Quando eu ia comprar uma a tarde, eu tinha que pagar três vezes mais. O dinheiro desvalorizou tanto que veio o plano. Os planos depois... Esse plano real...

MLMC: Mas já era o regime militar, né?

PRAP: Era o regime militar.

MLMC: Porque no final da década de... No começo da década de 80, eu estava trabalhando na Rhodia e eu me lembro que a inflação era mais de 80%. Você perdia o salário que você ganhou no mês.

PRPA: Nesse tempo que eu estava com loja. Então, o que eu vendia eu não conseguia repor. E não conseguia receber porque as pessoas também não queriam mais dinheiro. Dinheiro... Aquela relação do overnight, né? Aplica para pegar tarde, põe à noite etc. E o dinheiro sumiu do mercado por conta de uma inflação gigantesca. Até que veio o plano cruzado, eu acho. Do Sarney.

MLMC: Isso, isso mesmo.

PRAP: Depois do plano cruzado que deu uma estabilizada, né?

MLMC: Rápido.

PRAP: Depois com o real é que realmente... Bom, mas enfim. Então minha trajetória é...

vídeo dois: 15 minutos e 49 segundos

MLMC: Paulo, que período você ficou no Centro de Memória? E como foi esse processo?

PRAP: Olha, o Centro de Memória, na minha vida acadêmica, no liceu, ele sempre foi presente. Desde quando eu ingressei, eu ingressei em 96. Já em 97, o convite do Cláudio e da Cláudia, nós já implementamos o começo do Centro de Memória. Então, para nós, para mim, foi uma novidade e eu agarrei isso com todo o gás e fomos tendo as coordenadas do Centro Paulo Souza, os cursos, fiz curso de Historiografia...

MLMC: No Arquivo do Estado de São Paulo, nós fazíamos...

PRAP: O processo de higienização, de catalogação, de apresentação para o consulente, os programas de formatação, de organização desses documentos. Isso, para mim, é uma novidade. Quando a gente pensa que tudo é documento, um papel de bala, um relevo arquitetônico, um quadro, uma nota fiscal, uma ferramenta, um escrito de um aluno, um caderno do professor, um atestado de óbito de alguém que deixou a escola. Tudo isso é documento?

MLMC: E você sabe, por isso que a gente restringiu a história da educação profissional. E nos congressos brasileiros de história da educação, começaram a falar em história da

educação profissional somente em 2011. Então você vê a importância do nosso projeto, que surgiu com a Carmen Vidigal da USP, como você falou, e que foi incorporado e apoiado pelo professor Almério (Almério Melquíades de Araújo), sem dúvida, que aceitou o desafio, e pela professora Júlia Falivene, que o coordenou.

PRAP: A Júlia é saudosa, né? E o Almério sempre esteve presente nesse processo todo, incentivando. Um dia até tenho uma brincadeira. Nós fizemos uma reunião aqui, eu estava no início do projeto, e fui lá, sentamo-nos na mesa com o Almério, e eu falei: - Oh! Almério eu espero que o senhor dê a maior força para o projeto. Aí quando saímos, a senhora falou, você vai falar para ele que ele tem que dar força? Aí ele estava montando lenha para o projeto. Eu não sabia tanto de quem estava coordenando tudo, né? E aí o projeto foi assim, foi ficando um projeto interessante.

MLMC: Eu não sabia que ele tinha estado aqui em Amparo também. Você tem fotografia desse período dele em Amparo?

PRAP: Eu acho que tenho.

MLMC: Ah, então, porque eu tenho dele, em Sorocaba, nesse período. Seria interessante a gente ter uma fotografia do professor Almério aqui, né?

PRAP: Então, aí nós conseguimos uma sala especialmente para receber o acervo, né? Uma sala de exposições e de encontros. Depois a sala começou a se tornar uma sala de aula, né? Eu dava aula no curso de Patrimônio, curso de Eventos, aí os alunos começaram a fazer uma atividade já que era compatível a trabalhar num arquivo, né? As primeiras contatos com o documento de higienização, selecionar, colocar as luvas, usar todo aquele material de higienização. Então, nós fomos dando esses cursos para vários alunos e vários deles que conheço hoje trabalham na área.

MLMC: E nós participamos nessas oficinas, porque eu também entrei no projeto em 2001, e nós participamos com Ana Maria Camargo, de Almeida Camargo, que é bisneta do nosso patrono aqui da Etec João Belarmino.

PRAP: E a Ana Maria, nós fizemos um curso...

MLMC: De arquivos pessoais.

PRAP: Arquivos lá da USP.

MLMC: Ah, da USP também. Esse eu não fiz, vocês que estavam antes do projeto. Eu entrei em 2001, então eu não fiz.

PRAP: Então, nós fizemos vários encontros, né? Encontros que nossa, foi fantástico.

MLMC: Memoráveis, né?

PRAP: Memoráveis. Porque tinha uma qualidade de técnicos, técnicas e engenharia especializada. Aí eu costumava falar, todo o processo que a gente trabalha aqui no Centro de Memória, é um processo com normas internacionais. Aí eu passava um vídeo para os alunos, que é um tratamento de um vaso vazio, que não era num lugar qualquer, era numa nuvem. E a conservadora de lá, a abertura do vídeo demora sete minutos, só para ela levar o vaso, de onde ela fez, levar na reserva técnica. Ela não pega o elevador, ela vai a pé. E ela vai com todo o cuidado levando, e vai falando sobre como que é o processo de salvaguarda e os recursos que são utilizados no Louvre, para essa peça chegar na reserva técnica. E o cuidado que tem que ter, porque se você não catalogou direito, se não referenciou, você perdeu o documento. Ninguém acha mais. E isso nós fizemos com todo carinho.

MLMC: E nós mantemos, e nós mantemos isso. Eu estou no projeto desde 2009, que nós criamos um projeto de Memórias, que é originário de Historiografia, e nós seguimos as normas que estão no inventário de fontes, que na época era o ISAD internacional, e que o Brasil, a partir de 2006, já tem o NOBRADE, e nós continuamos trabalhando, que é cria do ISAD. E mantemos até hoje seguindo as normas, porque a gente é respeitado pelo trabalho que faz. E você tem que ter a mesma linguagem que os profissionais da área, embora sejamos só professores pesquisadores, não especialistas, mas a gente tem que ter a mesma linguagem da arquivologia, da museologia, e a gente tem aprendido muito com eles.

PRAP: E isso aí me deu uma alma. Abriu umas questões que até então eu não tinha certos cuidados. Por exemplo, vou dar um exemplo, tem coisas enormes e coisas pequenas, quase coisas que você nem consegue, tem que ver com lupa. Eu sempre fui do carnaval para ver as coisas só enormes. Os volumes são imensos. Então, quando eu entrava na sala de memória da nossa sala, as coisas ficavam muito pequenas. Eu tinha que trabalhar até com lupa para poder identificar.

MLMC: Para você ver a grafia da época.

PRAP: A grafia da época, as figuras que estavam ali, para poder nomear. Tinha um programa que se chamava NETS, que era um programa que a gente ia preenchendo e dava tudo nos onomásticos, dava o nome, o sobrenome, então você podia acessar por isso, um documento de 50 anos atrás e ver por ali tantos documentos que o consumidor poderia se dispor. Ou era foto, ou era documento, quer dizer, isso era uma máquina, um programa. E era um programa que usava em todos os museus, entre aspas, centros de memória e salvaguardas.

MLMC: Infelizmente, esse trabalho maravilhoso que você acabou de contar para a gente, desse período da Historiografia, ele não foi possível porque os instrumentos, os equipamentos da informática foram, os nossos do projeto da FAPESP foram caducando e nem todas as escolas deram continuidade.

MLMC: Então, quando eu fiz o pós-doc em Museologia e Patrimônio, no MAST, em 2015, a gente começou a trabalhar nos apoamos na ficha deles para fazer uma ficha única, que hoje faz parte do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica Virtual. Porque, como o professor tem pouco tempo, então a gente deu uma sistematizada. Mas esse processo, onomástico, acabei me atrapalhando com a palavra agora, mas ele é fantástico porque ele é muito detalhado e eu me lembro dele ser implementado no Centro de Memória da Etec Carlos de Campos também nessa época.

PRAP: E aí os alunos participavam, eles faziam toda a higienização e depois a catalogação. Era um trabalho que parece que é monótono, mas era muito rico, porque ali você lê ou visualmente uma imagem ou lê textos, cada coisa superinteressante, que a escola produziu, documentos formais da escola, comunicação entre a unidade com a superintendência, cartas, e esse acervo é muito rico.

MLMC: E o aluno vai participando das práticas de como a história é construída. Isso eu acho que é o mais interessante. E eram os alunos do ensino médio, na sua maioria, que participavam desses projetos.

PRAP: Quando eu dava algumas aulas lá, agora eu não acho que não tanto, mas acredito que seja assim ainda. Dizia-se que quando morria um negro em algum país africano, o negro morria, era uma parte da biblioteca que se perdia. Então se a gente tem uma questão da

história oral e fortalece a questão da história oral, é uma maneira a mais de se registrar a história.

MLMC: De quem viveu? De quem a viveu, né?

PRAP: De quem viveu, realmente viveu. Então essa coisa não é saudosismo, não é querer preservar porque a gente preservou, só para decorar, não é uma coleção. É uma coleção para disponibilizar para mais pessoas. Essa é a intenção. Como diziam, não vou me lembrar o nome de um arquiteto agora, mas ele ganhou o prêmio de melhor arquiteto em 94. Ele é francês. Nessas palavras ele diz o seguinte: - quer coisa mais importante de invenção que o homem fez, que é a rua onde tudo acontece, todos têm que ter o mesmo respeito e direito e tudo tem que funcionar plenamente, sem muitas propostas, né? Elas estão evidentes ali, que é a questão da arquitetura, da acessibilidade, acessos, vidas, índices, quer coisa mais democrática que é uma rua. Então por esse recorte eu sigo mais ou menos isso. As histórias têm que acontecer na rua, nos ambientes fechados a gente pode discutir um monte de coisa, mas tem que ir para a rua.

MLMC: Agora, quando é que você entrou? Você entrou em 96, 96 para 97 no projeto, que realmente quando a Júlia Falivene estava começando a convidar as escolas, nesse período em 97 foram convidadas 11 escolas, mas em 98 a FAPESP aprovou que quatro escolas ingressassem. Uma delas foi a sua escola, João Belarmino. Então você está desde o início do processo, até inclusive um pouco antes do projeto da Historiografia.

PRAP: É, esteve.

MLMC: E você ficou até que período? Que ano você saiu da Etec João Belarmino, se aposentou?

PRAP: Eu fiquei de 97 a 2018. Então esse período foi bastante tempo. Então o projeto teve altos, como todo projeto, porque a questão da memória é muito...

MLMC: A gente precisa ter apoio dos gestores.

PRAP: Parece que está mais fácil hoje você falar de memória, por incrível que pareça, porque um tempo atrás as pessoas não queriam nem saber o que era memória. Eu quero quebrar aquele casario, fazer de vidro e acabou, não tem. Hoje você tem uma questão do

CONDEPHAAT, você tem uma legislação de patrimônio arquitetônico, patrimônio de não mexer muito com os leitos, com os rios por contaminação da água, quer dizer...

MLMC: Mas precisa-se trabalhar mais com os alunos. Porque você pega o Centro Paula Souza, nós temos 228 escolas técnicas e nós temos 78 faculdades de tecnologia. Nós temos oficialmente duas Fatecs conosco, que têm portaria da sua existência. Isso com muita luta. Temos mais duas que têm acervo, mas ainda não têm centro de memória criado com apoio institucional. Temos os nossos centros de memória que ainda não conseguimos institucionalizar. A gente trabalha com projeto, mas precisa que a instituição tenha uma portaria institucional, porque nós vamos completar 27 anos de trabalho de coleta de material. Então, aquilo não surgiu do nada. E não se pode perder, né. Então, ainda temos que trabalhar muito educação patrimonial nas escolas. A BNCC tem contribuído para isso.

vídeo três: 10 minutos e 59 segundos

MLMC: Então, o professor Almério, com base na BNCC, junto com a equipe de professores que elaboram currículo, na disciplina de História, está muito claro a importância do patrimônio material e imaterial para se trabalhar com os alunos. E eu acho que o único caminho é esse da educação, que vocês faziam muito bem aqui, pelo que você falou, como era feito também na Carlos de Campos, durante o período do projeto de Historiografia, de desenvolver práticas.

PRAP: A nossa luta ali era fazer com que todas as disciplinas, todos os professores procurassem, de alguma forma, interagir com o centro de memória, porque o centro de memória não é uma coisa para você matar a saudade, é para você criar estruturas de conhecimento, trocas, para você criar um ovo. É de discussões, diferentes posições, que você tem uma novidade. E tinha ocasiões que o centro de memória promovia esses encontros.

MLMC: Eu acho assim, hoje nós temos 25 centros de memória conosco, é uma coisa importante, ele cresceu de 8 para 26, professores que têm se mantido publicando com apoio institucional, mas a gente precisa fazer mais e precisa do apoio dos gestores, porque, como você disse, nesse período, até 2008, houve oscilações e ouve, nós perdemos espaço. Tem centros de memória, por exemplo, na Getúlio Vargas, desmancharam o centro de memória e ele foi para uma sala, ficou como um arquivo morto. Só em 2016, com a professora Camila Hagio, a gente conseguiu resgatar, que ela se interessava pelo tema e ela entrou no projeto. Aqui mesmo, na Etec de Amparo, quando eu vim visitar, um pouco antes da pandemia, com

o Fernando Gabriel, ele só estava com uma saleta no centro de memória. E, na época do projeto da FAPESP, vocês tinham uma sala para receber os alunos, para fazer pesquisa. Então, a gente está sempre em contato com os diretores das escolas para nos apoiarem, porque é fundamental.

PRAP: Isso é fundamental, o apoio, não só financeiro, mas político, político e educacional. É uma forma de você acreditar que essa questão do pertencimento é tão importante quanto outras tantas disciplinas. Quando tem um aluno que está participando, ou lá na biblioteca, ou lá no centro de memória, e produzindo, porque é uma produção...

MLMC: E para ele ver a evolução da ciência e tecnologia.

PRAP: Porque ali você tem o conhecimento das questões tecnológicas.

MLMC: E humanística, como é que as pessoas se ouvem.

PRAP: Humanística, não só do passado, mas do que foi produzido. Muitas vezes, para dar um passo para frente, você tem que voltar um pouquinho, para não repetir erros. Então, se você, por ali, não repete os erros do passado, você já tem um caminho.

MLMC: E muitas ideias que, às vezes, ficam engavetadas. E daí você tem a oportunidade de resgatar.

PRAP: E esse projeto do centro de memória, na instituição, da Etec João Belarmino, para mim foi tão valioso, que depois de sair, me aposentei, e eu estou aqui, trabalhando, num centro de memória, porque eu achei uma casa, que é minha, eu achei que esse espaço era importante, e eu achei que ele era tão importante, que virou um centro de memória.

MLMC: Mas a sua dissertação de mestrado, foi feita em que ano? E foi antes da criação do centro de memória, aqui em Santa Cruz?

PRAP: Foi, ela partiu de um encontro que nós tivemos lá em São Paulo, uma professora leu um artigo do Loyola Brandão.

MLMC: Sim, conheço.

PRPA: E ela falou, olha, esse artigo é interessante, porque fala disso, fala de memórias, e vocês poderiam, cada um, escrever alguma coisa sobre isso, memórias. Aí eu vim para a casa, e falei: - vou escrever memórias, não era da escrita, escrevi, mas sentei e escrevi uma crônica. Aí coloquei o nome das palavras e as imagens. Aí escrevi uma crônica, que está publicada no meu livrinho, não vou falar toda ela, mas é sobre uma pessoa que trabalhou em determinado momento na escola, nessa escola, e que todo mundo dizia que ele era isso e isso, mas não tinha nenhum documento. E eu, por curiosidade, tropecei com o documento. Aí escrevia assim.

MLMC: Foi nesse livro dos 100 anos, naquela crônica dos 100 anos? Ah, nós temos lá no Centro de Memória.

PRAP: Então, ia partir daquela crônica, aí eu levei para a Unicamp, depois levei lá para a Unesp. Falei, eu quero falar sobre isso. Foi minha carta de apresentação. Mas você quer falar sobre o quê? Falei, eu quero falar exatamente sobre essa crônica. Quantos não têm que provar alguma coisa e não têm documento? Talvez. E foi a partir da crônica que...

MLMC: Muito interessante.

PRAP: E aí, lá na Unesp...

MLMC: Que ano foi isso?

PRAP: Foi 2006. Aí, na Unesp, a minha orientadora, ela é do Recife, ela fez um... fez um... além de me pegar como orientando, ela pegou uma outra menina, Carolina, que fazia sobre a escola que você...

MLMC: Ela publicou, a Carolina publicou artigo no nosso livro. Ela que fez dissertação. Ela foi ao encontro nosso e tem um artigo em um dos livros da Paula Souza de memórias.

PRAP: A Carolina escreveu sobre... O mobiliário da Belarmino.

MLMC: Não, ela escreveu sobre a...

PRAP: Da Belarmino.

MLMC: Não, ela escreveu sobre a escola Carlos de Campos... As mulheres. A dissertação dela é sobre...

PRAP: Era Carolina o nome dela? E aí, eu fiz aqui e ela nos orientava, nos orientava os dois. Porque quase que dava um núcleo só de discussão sobre o trabalho na Unesp.

MLMC: Ah, interessante.

PRAP: Ela orientou nós dois. Aí, depois, eu falei, puxa vida, isso dá para expandir lá na Unesp. Na Unesp, o Centro Paula Souza, como tem nós dois, poderia ter mais quatro, mais cinco. E mais gente orientando, porque diversifica. Eu fui para o lado da Marcenaria e do Entalhe. Lógico que tinha a parte histórica, que o Matarazzo me deu muita informação sobre a história da unidade aqui. A Carolina tinha também... Ela fazia parte do centro de memória lá. E foi coincidência...

MLMC: Ah, é a Marielle. Mas, a Marielle escreveu sobre moda. Sobre... Era das mulheres. Isso, era sobre as mulheres. Ela escreveu sobre as revistas, sobre o acervo. Lá na Carlos de Campos.

PRAP: Isso mesmo.

MLMC: Ah, então eu já sei qual é a Carolina.

PRAP: Sabe a Carolina?

MLMC: Sei, sim. Ela trabalhou também na Cetec. Inclusive, ela participou de um clube de memória para os professores produzirem vídeo. Logo no comecinho. É a Carolina, né?

MLMC: É a Carolina, sim. Marielle. Marielle... Carolina.

PRAP: É Carolina, mas tem um...

MLMC: Eu acho que é a Marielle, mas... Isso. Na transcrição, eu vou confirmar esse nome dela, né?

PRAP: E daí, depois...

MLMC: E que ano você criou o centro de memória Santa Cruz?

PRAP: Aqui faz três anos. Três anos. 2024.

MLMC: Depois da pandemia, então.

PRAP: Na pandemia, a gente já ficou muito fechado. E aqui eu já tinha essa ideia...

MLMC: Bom, Paulo, eu vou encerrar essa gravação. Vou transcrevê-la. Vou mandar para você pedindo autorização. Já te mando o termo de autorização. Eu estou com esse projeto no comitê de ética. Então, tenho que esperar ele liberar o termo de livre consentimento e esclarecimento. Assim que eu receber, daí eu mando com a transcrição e tudo. E ele vai ficar no nosso site de memórias dentro desse programa, que eu disse que é “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”. Agradeço muito você ter nos recebido hoje aqui no centro de memória Santa Cruz, né? Que você criou. Um belo espaço para a cidade, para a memória da cidade, né? E muito obrigada.

PRAP: Ah, imagina, eu estou a sua disposição. E eu muito obrigado.

Descritores

História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Docentes em centros de memória
Centro de Memória
Etec João Belarmino
Historiografia
Paulo Roberto Accorsi Pereira
Júlia Falivene Alves
Carmen Sylvia Vidigal Moraes
Ana Maria de Almeida Camargo
Almério Melquiades Araújo
Carolina Marielle
Arquivo Público do Estado de São Paulo
Carnaval

Unesp
Educação Artística
Técnico em Contabilidade

Dados Biográficos do Entrevistador



Paulo Roberto Accorsi Pereira
Fotografia: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 28/12/2024.

Paulo Roberto Accorsi Pereira - Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da UNESP, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007), graduação em Educação Artística pela PUC - Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1976), licenciatura Plena com Habilitação em Artes Plásticas, graduação em Administração Escolar pela Faculdade de Ciências e Letras Plínio Augusto do Amaral (1992). Desenvolvi trabalhos de pesquisa em Arte educação e projetos na área de Museologia. Atualmente é professor - EE Dr. Coriolano Burgos e professor - ETE João Belarmino. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Desenho, Pintura e Escultura. Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/2573635007836625> Acesso em: 18 mai. 2025.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutora em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419> Acesso em; 05 fev. 2025.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Paulo Roberto Accorsi Pereira

Termo de uso de Imagem de Paulo Roberto Accorsi Pereira

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Paulo Roberto Accorsi Pereira